

CARTA DA INDÚSTRIA

ANO XXIII | 811 | NOVEMBRO 2022



ELETRICIDADE MAIS EM CONTA

Estamos a praticamente um ano da ampliação do acesso ao mercado livre de energia elétrica, que pode reduzir bastante o custo desse insumo para a indústria. Sua empresa está se preparando?

ARTICULAÇÃO

Firjan reúne empresários e parlamentares eleitos pelo Rio de Janeiro

ESPECIAL

Moradia no Centro abre novo mercado para construção



- Firjan
- Firjan SENAI
- Firjan SESI
- Firjan SESI Cultura



- Firjan



- Firjan
- Firjan SENAI
- Firjan SESI



- Firjan



- Firjan
- Firjan SENAI
- Firjan SESI Cultura
- Casa Firjan

Atualize-se
Participe
Compartilhe

CARTA DA INDÚSTRIA



6

ENTREVISTA

JOÃO BRAZ, DIRETOR DE TERMINAIS & LOGÍSTICA DO PORTO DO AÇU



10

INOVAÇÃO

APOIO À COMPETITIVIDADE



18

ESPECIAL

NOVOS MERCADOS NA CONSTRUÇÃO CIVIL



22

ARTICULAÇÃO

FIRJAN REÚNE PARLAMENTARES ELEITOS

CARTA DA INDÚSTRIA é uma publicação da Firjan

Presidente:
Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira

Presidente em exercício:
Luiz César Caetano

1º Vice-presidente CIRJ:
Carlos Fernando Gross

2º Vice-presidente Firjan:
Carlos Erane de Aguiar

2º Vice-presidente CIRJ:
Raul Eduardo David de Sanson

Diretor de Competitividade Industrial e Comunicação Corporativa:
João Paulo Alcântara Gomes

Diretor executivo Firjan SENAI SESI:
Alexandre dos Reis

Diretora de Compliance e Jurídica:
Gisela Gadelha

Diretora de Finanças e Serviços Corporativos:
Luciana de Sá

Diretor de Gestão de Pessoas:
Guilherme Cavaliere

Gerente Geral de Comunicação:
Karla de Melo

Gerente de Imprensa e Conteúdo:
Gisele Domingues

Jornalista Responsável:
Paulo Filgueiras (MTB 9122/MG)

Fotografia: Paula Johas e Vinícius Magalhães

Projeto Gráfico:
Patrícia Mendonça Lima

Editada pela Insight Comunicação
Editor Geral: Luiz Cesar Faro
Editora Executiva: Sílvia Noronha
Redação: Andréa Shad e Paula Pires
Revisão: Geraldo Pereira
Design e Diagramação:
Paula Barrenne

Firjan
Avenida Graça Aranha 1
CEP: 20030-002 – Rio de Janeiro
www.firjan.com.br

Sugestões e dúvidas:
cartadaindustria@firjan.com.br



DE OLHO NAS OPORTUNIDADES

Um ambiente competitivo de negociação de energia elétrica em que os participantes podem negociar livremente todas as condições comerciais, como fornecedor, preço, quantidade de energia contratada, período de suprimento, pagamento, entre outras. Esta é a definição de mercado livre de energia, uma forma potencial de economia para a indústria fluminense. A matéria de capa da edição de novembro da Carta da Indústria (págs. 14 a 17) apresenta uma visão geral sobre o tema, destacando potenciais vantagens na adesão, os tipos de energia disponíveis e quem poderá migrar para essa modalidade.

Quase 170 anos depois da construção da primeira ferrovia do Brasil, justamente no Rio de Janeiro, o transporte ferroviário de cargas ainda é objeto de intensos debates entre especialistas, governos e setor produtivo. Na entrevista do mês (págs. 6 a 9), João Braz, administrador de empresas e diretor de Terminais e Logística da Porto do Açú Operações, analisa as perspectivas de crescimento do setor ferroviário estadual e nacional diante do cenário global.

Já a matéria de Articulação destaca o primeiro encontro dos empresários com parlamentares eleitos, em evento promovido pela Firjan em prol das causas comuns do Rio de Janeiro (págs. 22 e 23).

O leitor também encontra nesta edição a segunda reportagem da série especial sobre os institutos da Firjan SENAI SESI (págs. 10 a 13). É sempre bom reforçar que somos parte de uma grande rede nacional, sendo que a Firjan SENAI possui três Institutos SENAI de Tecnologia, três Institutos SENAI de Inovação, além de dois Núcleos Setoriais de Tecnologia (com foco nos segmentos de Alimentos e Bebidas e de Construção Civil). Temos ainda o Centro de Inovação SESI em Saúde Ocupacional.

Por fim, a Carta da Indústria parabeniza a Firjan SENAI SESI Vicente de Carvalho pelos 70 anos de existência celebrados em 01/11. São sete décadas de forte atuação social e educacional, transformando a vida das pessoas e apoiando o fortalecimento das indústrias da Zona Norte da capital.

Excelente leitura!



ECONOMIA DO MAR

A Firjan sediou, em 17 e 18/11, o seminário internacional "Economia Azul: Desenvolvimento, Desafios e Oportunidades". Um dos principais objetivos foi debater novos negócios da economia do mar, que no Brasil gera 306,5 mil empregos, dos quais 98 mil no estado do Rio, conforme assinalado por Carlos Frederico Aguiar, presidente do Conselho Empresarial de Economia da federação. O evento contou também com a presença de Carlos Erane de Aguiar, então presidente em exercício da Firjan e presidente do Conselho de Administração do Cluster Tecnológico Naval do Rio de Janeiro (na foto ao lado), entre outras autoridades no tema.

ENCONTRO COM SENADOR ELEITO DE SERGIPE

Em outro encontro, em 07/11, Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira, presidente da Firjan, e Luiz César Caetano, presidente em exercício da entidade, receberam o deputado federal e recém-eleito senador por Sergipe, Laércio Oliveira. O objetivo do parlamentar foi buscar contribuições de importantes instituições, como a Firjan, para fortalecer o novo marco do gás e garantir que o mercado desse combustível atinja a maturidade desejada no Brasil. Também esteve presente à reunião, na sede da federação, o superintendente executivo da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico daquele estado nordestino, Marcelo dos Santos Menezes.



PRÊMIO FIRJAN DE SUSTENTABILIDADE

Sete empresas fluminenses são as mais novas ganhadoras do Prêmio Firjan de Sustentabilidade, que neste ano bateu recorde de inscrições com 74 projetos concorrentes. O anúncio oficial dos vencedores ocorreu em 22/11, na sede da Firjan, com a participação dos finalistas e do 2º vice-presidente da Firjan, Carlos Erane de Aguiar. O Prêmio reconhece as iniciativas que se destacam no estado do Rio em prol da sustentabilidade, que conciliam as atividades produtivas com a proteção ambiental, equilíbrio econômico e responsabilidade social. Desde 2013, o Prêmio recebeu 566 projetos em seis categorias. A próxima edição será lançada em março de 2023. [Clique aqui e conheça os projetos vencedores em cada categoria.](#)



JOÃO BRAZ

NO TRILHO CERTO

João Braz, diretor de Terminais & Logística do Porto do Açu, avalia positivamente o momento para a ampliação do transporte ferroviário de carga no Brasil. A empresa situada em São João da Barra, no Norte Fluminense, obteve a primeira autorização no estado do Rio para construir um trecho de ferrovia, no âmbito do Programa Pro Trilhos do Ministério da Infraestrutura. Será uma das futuras estradas de ferro privadas do Brasil. Nesta entrevista, Braz avalia as perspectivas e apresenta as conexões necessárias para viabilizar o setor e que podem alçar o Norte Fluminense a um novo patamar de desenvolvimento. “A evolução do sistema logístico do Sudeste é o maior desafio para o longo prazo, e tem que acontecer, porque o principal mercado produtor e o consumidor vão continuar na região”, diz ele, que tem formação e MBA em Administração.

CI: Quais as perspectivas para o transporte ferroviário no Brasil, especialmente conectando o estado do Rio?

João Braz: São positivas. Temos alguns pontos importantes, como o **marco ferroviário (Lei nº 14.273/21)** e a possibilidade de construção de ferrovias privadas. Foi um ponto importante que pode viabilizar alguns tipos específicos de ferrovias. Temos também as renovações antecipadas. Isso foi muito importante e destrava investimentos no final da concessão. Então esses movimentos foram muito importantes para uma perspectiva positiva do desenvolvimento ferroviário, em caráter nacional e tendo o Rio de Janeiro dentro desse contexto.

CI: Qual foi o objetivo de criação da Associação Nacional das Ferrovias Autorizadas (Anfa)?

João Braz: Um dos maiores receios dos associados da Anfa e de qualquer um que vai investir em ferrovia é a insegurança jurídica. Esse é um dos problemas principais, e a Anfa foi criada muito em função disso. Temos o marco ferroviário e a regulação básica, mas há uma série de discussões crí-

ticas, por exemplo, direito de passagem: como vai ser a desapropriação, caso seja necessária? Na hora da execução, todas as empresas interessadas vão querer esses assuntos sanados e bem claros dentro da parte regulatória. E também muitas vezes as concessionárias podem ter um certo conflito de interesses com relação às autorizatárias, porque, de forma bem ampla, aumenta a competição.

CI: Como destravar esses novos investimentos?

João Braz: Há alguns pontos. Quando se fala de renovação antecipada, a alocação mais sensata dos recursos da outorga é proporcionar mais investimentos; e eu dou um exemplo muito simples: na renovação da FCA (Ferrovia Centro-Atlântica), se alocar a verba no Projeto de Anchieta (ES) até São João da Barra (RJ), trecho que custa cerca de R\$ 2,4 bilhões, automaticamente gera o investimento de R\$ 610 milhões dos 41 km que nós pedimos autorização. A partir do momento em que o recurso público que está sendo disponibilizado por uma renovação antecipada é alocado de

forma correta, isso gera outros investimentos e gera mais valor. E na parte de engenharia, temos hoje uma malha ferroviária no Brasil que foi construída para outra realidade. Para reativar, é mais caro do que construir, porque tem invasão da faixa de domínio, trilhos canibalizados. Além disso, não adianta construir uma ferrovia onde não existe um porto, por exemplo. É preciso prever a logística como um todo, escolher os projetos mais relevantes para o interesse público e os que têm menos Capex (investimento em bens de capitais) para obter menor custo por tonelada, em vez de construir ferrovia onde precisa de investimento adicional em portos etc., que pode acabar não saindo do papel.

CI: Como está o projeto de construção dos 41 km de ferrovia?

João Braz: Nossa solicitação para construir o trecho foi condicionada à chegada da malha ferroviária nacional de Anchieta até São João da Barra. São 160 km que faltam. É a famosa EF-118. Parte dela está prevista na renovação antecipada da Ferrovia Vitória-Minas, da Vale, e vai faltar esse trecho de 160 km, que pleiteamos que seja a alocação dos recursos da renovação antecipada da FCA, cuja outorga seria suficiente. Com isso, nós, de forma privada, construiremos mais 41 km.

CI: O que mudará com esses trechos em funcionamento?

João Braz: O Porto do Açu, apesar de ser um porto privado, é um conjunto de terminais que operam em diferentes tipos de carga. Não é um empreendimento único, por exemplo, para minério de ferro ou para um grão específico. O projeto da EF-118 vai atender muito os mineiros e os goianos. Na parte do agro vai viabilizar mais de 20 milhões de toneladas sendo transportados por essa ferrovia em 2035. A gente fala também de minério de ferro, gusa, carvão e, principalmente, grãos e fertilizantes.

O porto está pronto e tem capacidade de absorver essa carga. Você diminui o custo. Então, na verdade, você está olhando para o Brasil como um todo. Quando chegar no Açu, a ferrovia vai poder realmente atender uma série de indústrias, além do próprio GNL que temos em um terminal de regaseificação dentro do Porto do Açu. A intenção é usar a ferrovia também para trazer esse gás barato para dentro do país e, com isso, industrializar o interior com energia barata. Há, portanto, os dois fluxos: reduz os custos, tanto para exportação como para os da industrialização do interior do país.

CI: Para quando vocês preveem uma definição sobre esses investimentos?

João Braz: Imaginamos que essa situação da FCA deva ser resolvida até meados de 2023, assim como o carimbo de para onde vai o recurso da outorga. Uma vez que esse recurso seja carimbado, nós nos moveremos. Esses dois projetos andando em paralelo, esperamos ter a ferrovia operacional em 2027/2028, o que casa muito com os nossos planos gerais de disponibilidade de gás; tudo isso convergindo para o desenvolvimento no Rio de Janeiro. Imaginamos ainda que, para o final da década, chegando a ferrovia e já tendo gás a preço competitivo, teremos fertilizantes no Açu. Haverá um boom econômico no Norte Fluminense que vai beneficiar o país como um todo.

CI: Ainda é viável o trecho inicial da EF-118 até a Região Metropolitana do Rio?

João Braz: É a segunda fase, que era muito ancorada no Comperj. O trecho norte tem mais commodities, atende um mercado mais imediato, que é principalmente o agro. Existe hoje uma limitação no porto de Tubarão, em Vitória (ES), que não consegue atender mais grão, e isso é uma demanda já existente. Provamos por A + B, a Fundação Dom Cabral fez estudo, foi compartilhado com os governos dos estados do Rio e de Minas Gerais. Ficou absolutamente

“ *Vislumbramos daqui a 10 anos o Norte Fluminense completamente transformado, com alto índice de desenvolvimento, muita indústria se instalando, pessoas capacitadas e um fluxo de pessoas querendo residir ali*”

claro que a conexão ferroviária chegando no Açu captura imediatamente grão. Por esse motivo o trecho norte acabou se tornando prioritário, mas com a industrialização, especialmente na área do Açu, o trecho sul começa a se tornar extremamente relevante. Acho natural que, uma vez que o trecho norte esteja completo, as indústrias se instalando nas redondezas do Açu, vai precisar do trecho sul para o produto industrializado. Vai caminhar em sequência, do trecho norte para o sul.

CI: Vocês têm estimativa de impacto sobre o custo Brasil?

João Braz: Em termos de custo, varia muito de mercadoria para mercadoria. Haverá maior equilíbrio do sistema logístico do Sudeste. O que chamamos de Corredor Centro-Leste, ligando o Sudeste ao centro do país, é o que mais se beneficia pela conexão logística do Açu, e atende principalmente o agro de Goiás e o Noroeste de Minas Gerais, assim como minério de ferro, produtos siderúrgicos, carvão, coque da região central de Minas. Esse mercado vai se beneficiar com a ferrovia chegando a mais portos.

CI: Mesmo com as ferrovias privadas, o investimento público se mantém crucial?

João Braz: Quando se olha projetos de ferrovias estruturantes, essas acabam tendo dinheiro público pelo montante e por atingir diferentes mercados. Sempre haverá um interesse nacional, um foco em desenvolver áreas, projetos e indústrias diferentes, o que não necessariamente casa com a empresa que quer desenvolver o seu negócio. É aí que entra a utilização do recurso público que vai viabilizar uma cadeia produtiva e não somente um negócio específico.

CI: Vai chegar o dia em que a ferrovia transportará produtos no varejo e não apenas os grandes mercados específicos?

João Braz: O contêiner é a solução para atingir o varejo na ferrovia, inclusive a gente coloca isso no projeto da EF-118. Vamos o contêiner chegando pelo trecho sul, que traz produto industrializado, uma carga de alto valor agregado. Por isso, precisa da continuação da ferrovia no trecho sul. Essa evolução do sistema logístico do Sudeste é o maior desafio para o longo prazo, e tem que acontecer, porque o principal mercado produtor e o consumidor vão continuar na região.

CI: O GNL do Açu vai chegar até onde?

João Braz: Em várias indústrias, a energia é o principal insumo, o mais caro dentro do processo produtivo. Incentivar o Distrito Industrial de São João da Barra é o nosso maior foco, mas olhamos muito a energia renovável também. O Açu apresenta uma localização muito favorável para energia eólica offshore, para solar também, além do hidrogênio verde que envolve um projeto com a Shell. Toda essa parte de energia a preço competitivo para a indústria é o cerne do desenvolvimento da região. Vislumbramos daqui a 10 anos o Norte Fluminense completamente transformado, com alto índice de desenvolvimento, muita indústria se instalando, pessoas capacitadas e um fluxo de pessoas querendo residir ali.

IST Química e Meio Ambiente, que faz análise microbiológica dos sucos da Greenpeople

Foto: Fabiano Venezia

APOIO À COMPETITIVIDADE

Segunda matéria da série sobre os Institutos da Firjan SENAI SESI mostra o diferencial dos serviços oferecidos pelos ISTs

Nutrir a alma e o corpo das pessoas com suco de frutas e snacks saudáveis é o propósito da Greenpeople. Startup que nasceu em 2014, a empresa é modelo de responsabilidade social e trabalha de modo sustentável e ecoconsciente – valores que

demonstram preocupação com o bem-estar socioambiental. Para alcançar resultados mais expressivos, aposta na inovação tecnológica e busca, por meio do Instituto SENAI de Tecnologia (IST) Química e Meio Ambiente, da Firjan, consultorias e orienta-

ções para submissão de projetos junto aos órgãos de fomento. Além disso, a empresa realiza semanalmente no mesmo instituto análise microbiológica para aferir a qualidade de seu principal produto, conforme norma vigente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

O objetivo dos testes em laboratório é garantir a segurança dos alimentos e manter o controle sobre a gestão da qualidade, para assegurar a consistência e a conformidade do processo de produção, além de promover maior transparência em todas as operações com fornecedores e distribuidores.

Com aporte de recursos de investidores, a unidade fabril foi instalada em Três Rios, na Região Centro-Sul do estado do

Rio de Janeiro, em 2018. Em um espaço de 3 mil metros quadrados, produz cerca de 40 mil garrafinhas de suco por dia para abastecer 1.000 mil pontos de venda no Rio de Janeiro, São Paulo e Sul do país.

SUSTENTABILIDADE

Seguindo o método de prensagem a frio (os ingredientes não passam por centrifuga e nem são quimicamente tratados), não inclui agitação ou aquecimento dos insumos, tornando o processo mais natural quando comparado com outros. Para obter maior conservação dos sucos, a empresa dispõe de máquinas de alta pressurização para mantê-los válidos por até 90 dias.

O catálogo contempla 21 sabores de suco, vegetais e temperos; sete sabores de

snacks produzidos a partir da reutilização dos bagaços e ainda chás feitos da casca do abacaxi, conta Monica Fernandes, gerente de Qualidade e P&D da Greenpeople.

“O que nos diferencia da concorrência é que toda a produção conserva nutrientes e vitaminas das frutas sem aditivos. Após o processo de prensagem a frio, é utilizado o High Pressure Pasteurization (HPP) – tecnologia de alta pressão a frio aplicada pela água – que possibilita a eliminação de micro-organismos e preserva os nutrientes presentes nas frutas, já que essa técnica não altera os compostos de baixo peso molecular”, explica ela. Dessa forma, o aroma, o sabor, as vitaminas, os minerais e os pigmentos dos alimentos são mantidos, garantindo o que há de melhor na fruta.

Monica destaca a importância do trabalho em conjunto com pesquisadores do IST Química e Meio Ambiente para a produção sustentável dos produtos da empresa. “No estudo dos atributos de coprodutos de frutas e hortaliças resultantes da

prensagem, constatamos quais os compostos que podem ser úteis em outras indústrias, de forma a dar destinação adequada e rentável a esses resíduos. Além disso, estamos com projeto de inovação para a produção de ‘blending’ de frutas, a fim de evitar o desperdício e reaproveitar seus subprodutos. A Firjan SENAI nos fornece importante suporte para submissão de projeto na Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). Esse apoio é fundamental para o êxito de nosso projeto”.

PARCERIA COM O IST

Para impulsionar a competitividade industrial do estado e reduzir gaps tecnológicos existentes, os **Institutos SENAI de Tecnologia (ISTs) da Firjan**, que fazem parte da Gerência de Pesquisa e Serviços Tecnológicos, oferecem ações integradas para garantir apoio constante à evolução das empresas, disponibilizando ao mercado serviços que abrangem diagnósticos e soluções



Foto: Renata Mello

A Firjan SENAI oferece três ISTs: Automação Industrial, Solda e Química e Meio Ambiente (na foto acima)

SERVIÇOS DOS ISTS

- ✓ Consultorias Tecnológicas em Normas e Regulamentos e em Processo Produtivo
- ✓ Ensaios e análises laboratoriais

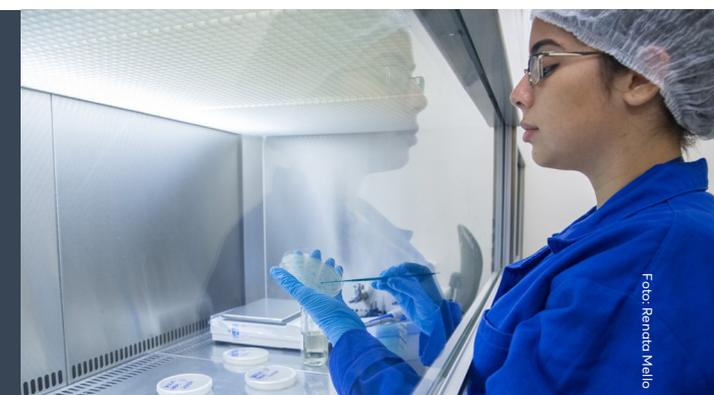


Foto: Renata Mello

tecnológicos, ensaios e análises laboratoriais e Consultorias em Normas e Regulamentos e em Processo Produtivo para a garantia de crescimento. O apoio inclui tanto a adequação à legislação e à implantação de normas e regulamentos vigentes quanto o desenvolvimento de modernos simuladores, análises em laboratórios e plantas pilotos que executam pesquisas aplicadas de alta complexidade industrial.

Raul Sanson, 2º vice-presidente da Firjan CIRJ, considera de extrema importância dar visibilidade aos serviços prestados pelos Institutos de Tecnologia e de Inovação da Firjan SENAI SESI para empresas que buscam impulsionar seus negócios, aumentando a eficiência e melhorando a aplicação dos recursos. Segundo ele, os institutos são essenciais para o sucesso empresarial, uma vez que processos cada vez mais eficientes são uma exigência dos mercados nacional e global, ao mesmo tempo em que esses investimentos costumam resultar em redução de custos. Ele, inclusive, já utilizou serviços do IST Solda para sua empresa e ficou satisfeito com o resultado. “Por meio de diversas tecnologias, é possível automatizar serviços, diminuir gastos com materiais, aumentar a rapidez no atendimento ao cliente e facilitar a comunicação entre todos os setores da empresa. Tudo isso representa, além do incremento na produção, redução dos custos diretos e indiretos. Atualmente, a

melhor forma de uma organização se manter atualizada e competitiva é investir em tecnologia e inovação na tomada de decisão, potencializando os resultados”, pontua.

Damian Horácio Gomez, gerente de Serviços Tecnológicos da Firjan, controla as operações nos três Institutos SENAI de Tecnologia: IST Química e Meio Ambiente, IST Solda e IST Automação Industrial. “Propomos soluções ágeis e integradas para as empresas. Desenvolvemos projetos customizados, como também oferecemos serviços de prateleira (ensaios e análises laboratoriais). Reforço o trabalho integrado entre os institutos, que garante melhores resultados e diminuição de custos para todos os segmentos da indústria. Como exemplo, desenvolvemos o projeto ‘Produtividade Industrial’, realizado entre 2019 e 2020, que alavancou 30 pequenas indústrias. Com a Petrobras, trabalhamos para a Plataforma P40 visando atualizar tecnicamente o sistema de segurança. Em parceria com as Forças Armadas, desenvolvemos o simulador Guarani. Trata-se de réplica de carro de combate. Funciona num modelo físico-matemático para treinamento e capacitações”, enumera ele, passando a dimensão diversificada de trabalhos realizados nos ISTs.

Na próxima reportagem da série, vamos falar sobre os Institutos SENAI de Inovação (ISIs). Acompanhe na edição da Carta da Indústria de fevereiro de 2023.

LIVRE MERCADO

Prepare-se! Mais empresários poderão escolher seus fornecedores de energia elétrica, o que tende a reduzir o custo desse insumo para a indústria em até 50%

De olho na **portaria 50 do Ministério de Minas e Energia (MME)**, que libera a adesão ao mercado livre de energia elétrica a consumidores de alta e de média tensão a partir de 1º de janeiro de 2024, o Cluster Automotivo do Sul Fluminense vem orientando e incentivando os sistemistas, fabricantes de peças, a aderirem a esse universo. Boa parte das indústrias brasileiras poderá escolher de quem comprar energia, já que são consumidores de tensão igual ou superior a 2,3 kV. A expectativa do governo federal é que a medida beneficiará 100 mil unidades consumidoras no país.

As grandes indústrias, em geral, já fazem parte do mercado livre, que representa no estado do Rio 92% do consumo industrial. O que há de novo é que a portaria estabeleceu o limite entre varejo e atacado em 500 kW/mês. Assim, consumidores

do Grupo A (de alta e de média tensão) com carga individual superior a esse limite poderão acessar diretamente a Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE) e, assim, aderir ao mercado livre. Os demais – ou seja, os que consomem abaixo de 500 kW/mês – deverão ser representados na CCEE por meio de um agente varejista. Ele será responsável por juntar várias empresas para chegar ao limite exigido.

No caso dos sistemistas da indústria automobilística do estado, que são os fornecedores locais de primeira camada das montadoras de automóveis, a tendência é que muitos entrem no mercado livre em 2024, estima Gustavo Almeida, coordenador da Comissão de Energia do Cluster Automotivo do Sul Fluminense. "Isso vai impactar a montadora. Se o fabricante de peças tiver um custo menor de

REPRESENTATIVIDADE DO MERCADO LIVRE

+ DE **30%**

DO CONSUMO NACIONAL DE ENERGIA ELÉTRICA ATUALMENTE

80%

DO VOLUME DA ENERGIA ELÉTRICA CONSUMIDA PELAS INDÚSTRIAS DO PAÍS

92%

DO VOLUME DA ENERGIA ELÉTRICA CONSUMIDA PELAS INDÚSTRIAS FLUMINENSES

+ DE **2.000**

EMPRESAS GERADORAS E COMERCIALIZADORES QUE PODEM OFERECER ENERGIA ELÉTRICA AOS CONSUMIDORES

energia, vai ofertar o produto a preço menor, o que poderá chegar a uma redução do valor do veículo. A energia elétrica é o segundo ou terceiro maior custo da indústria; e a expectativa é de uma redução de 30% a 50% nesse custo, dependendo da negociação”, explica. Mas Almeida alerta que a entrada no mercado livre requer análise prévia. Os consumidores de menos de 500 kW mensais, acrescenta ele, poderão se informar direto com os comercializadores varejistas. Já para os outros, ele aconselha que busquem uma consultoria para ajudar a analisar seu caso e buscar as diretrizes para alcançar a economia desejada. Importante também conhecer os custos e se há riscos envolvidos.

POR ONDE COMEÇAR

A orientação de Angela Gomes, do Conselho Empresarial de Energia Elétrica da Firjan e consultora da PSR, é que os empresários comecem desde agora a se informar sobre esse mercado, perguntando a quem já aderiu ou a consultores ou mesmo às próprias concessionárias de energia que também possuem comercializadoras. “Não é só preço, é o serviço, é a confiança. É quase um casamento. Vai cuidar da sua fatura de energia. A empresa escolhida pode ajudar em todo o processo, na tramitação burocrática e física”, ressalta.

O mercado livre é pujante e congrega mais de 34% da comercialização total de energia do país, segundo Angela. Entretanto, embora tenha representatividade significativa no setor industrial, a grande maioria das pequenas e médias empresas não estão nesse mercado e aguardam os avanços regulatórios para poderem participar. No sistema cativo, a empresa compra a energia diretamente da concessionária da sua região e paga por valores regulados pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). Já no livre, o consumidor paga o chamado “serviço do fio” para a concessionária, referente à rede de energia, e tam-

bém o da comercialização, sobre a energia comprada dos fornecedores.

“A qualidade da energia que está atrelada ao fio pode vir a melhorar com a concorrência e a pressão das comercializadoras sobre as distribuidoras. Esse mercado pode criar novos serviços e produtos adequados às preferências do consumidor”, prevê Tatiana Lauria, especialista em Energia na Firjan. Ela acredita que o mercado livre irá impulsionar cada vez mais a digitalização do setor, colocando o consumidor no centro das decisões, interagindo com fornecedores e demandando novos produtos, o que irá contribuir para o avanço tecnológico industrial.

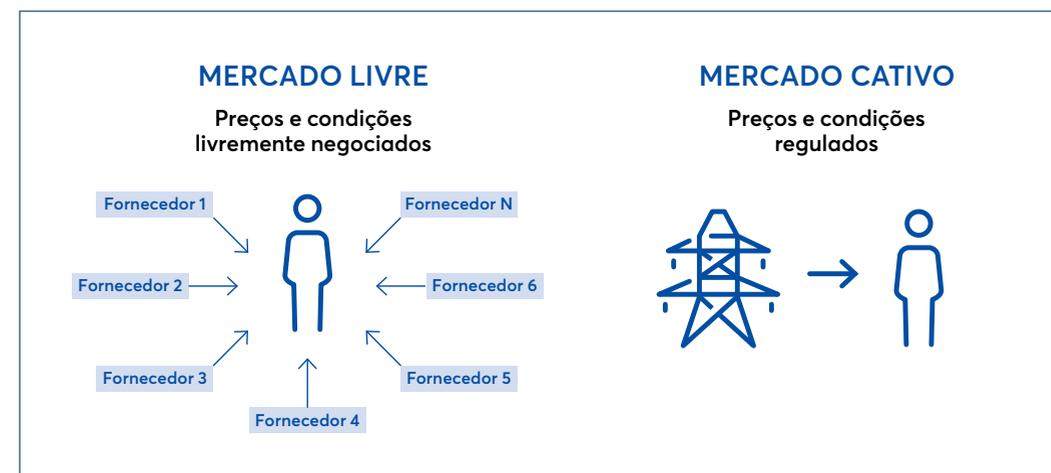
GESTÃO DO CUSTO

A Firjan vem trabalhando há muito tempo para a abertura do mercado de energia para todos os consumidores, de forma gradual. “O mercado livre já existe e demonstrou que há uma melhoria da competitividade para os consumidores. As grandes indústrias já saíram do cativo –

DICAS PARA O MERCADO LIVRE DE ENERGIA*

- ✓ Pesquisar e acompanhar o mercado
- ✓ Contratar uma consultoria, se possível
- ✓ Entrar para a Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE)
- ✓ Procurar um agente comercializador, se o consumo for inferior a 500 kW/mês

* Para consumidores de alta tensão a partir de 01/01/2024



da tarifa controlada – para o livre e agora muitas mais vão aderir em 2024”, prevê Antonio Carlos Vilela, presidente do Conselho Empresarial de Energia Elétrica.

Vilela pontua que o mercado livre traz uma responsabilidade para o empresário: “A energia elétrica vira um insumo, uma matéria-prima. No cativo, o governo regula a tarifa. No livre, tem que negociar contratos de médio e longo prazos. Na panificação, por exemplo, é preciso conhecer o mercado do trigo. A energia elétrica passa a ser um insumo como o trigo. Não basta assinar o contrato e achar que vai ser mais competitivo”, afirma.

A indústria de papel SWM, em Piraí, no Sul Fluminense, empresa em que Vilela é diretor de Operações Américas, foi uma das pioneiras no mercado livre, há mais de 10 anos. São consumidores A intensivo e estão sempre acompanhando o mercado para conseguir as melhores tarifas. Também em busca de melhores tarifas para seus fornecedores, a Stellantis, em Porto Real, conseguiu interligar as empresas fornecedoras na sua subestação elétrica, reduzindo a classe tarifária de A2 para A4.

BAIXA TENSÃO

O Projeto de Lei nº 414, que está sendo discutido na Câmara dos Deputados,

prevê a abertura do mercado livre para os consumidores de baixa tensão, inclusive os residenciais, o que pode atingir milhões de unidades no país. A previsão é que a mudança ocorra em 2026, mas depende da tramitação do PL. A proposta cria a tarifa binômia, com a separação do custo do fio e da energia.

Além disso, o MME abriu a Consulta Pública nº 137, colocando em discussão uma minuta de portaria que possibilitaria o acesso ao mercado livre por todos os consumidores de baixa tensão (Grupo B) a partir de 1º de janeiro de 2026, exceto os consumidores rurais e residenciais, que só poderiam acessar o sistema a partir de 1º de janeiro de 2028.

“Natural que, quando se abre a porta, nem todos entrem. Há um processo de namoro entre sair do cativo e entrar no livre. O papel das instituições, como a Firjan, com o governo é atuar para a que a regulamentação seja clara e bem-feita”, opina Vilela. A Firjan sempre atuou em prol do mercado livre e faz parte do Grupo União pela Energia, que defende o sistema. Desde 2017, contribuiu com a visão do setor industrial para esse mercado ser um fator de competitividade, promovendo estudos durante o debate sobre o processo regulatório e participando das audiências públicas.

NOVOS MERCADOS NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Capital fluminense colhe os frutos da transformação de prédios comerciais e de hotéis em edifícios residenciais

Mudanças em legislações estão contribuindo para novos tipos de uso e ocupação territorial urbana no Rio de Janeiro. Moradias sendo construídas no Centro da cidade e na Zona Portuária e hotéis sendo transformados em residenciais são exemplos re-

centes na capital. Para a transformação de prédios comerciais, foi criado há um ano o **projeto Reviver Centro**, que é um plano de recuperação urbanística, cultural, social e econômica da região. O maior objetivo é atrair novos moradores, aproveitando edi-

Ilustração de um dos cinco prédios residenciais que a Cury Construtora vai erguer na Zona Portuária da capital fluminense



fícios existentes e terrenos vazios. O plano é baseado em legislações de 2021, a **Lei Complementar nº 229** e a **Lei nº 6.999**.

A Firjan e o Sindicato da Indústria da Construção Civil no Estado do Rio de Janeiro (Sinduscon-Rio) são instituições que apoiam essas mudanças. "Sempre acreditamos no potencial do Centro do Rio, dada toda a infraestrutura instalada no local, seja a disponibilidade de transporte público, seja a oferta de água, luz e esgoto, e toda a logística que permite que você chegue ou saia da região com facilidade. Por isso, há um alto potencial de valorização", explica Claudio Hermolin, presidente do Sinduscon-Rio.

Marcelo Kaiuca, presidente do Fórum Setorial da Construção Civil da Firjan e vice-presidente da federação, também vislumbra uma grande oportunidade de mercado, decorrente da mudança na legislação. A região central será mais bem aproveitada, unindo residência em meio às áreas corporativas e comerciais. "A legislação era impeditiva. O Reviver Centro é um plano para requalificar a região. Além de permitir a conversão do uso comercial para o residencial, ainda autoriza a construção de moradias em terrenos vazios", avalia.

MODELO DE CIDADE

Hermolin classifica como modelo antigo de cidade, ou ainda de cidade partida, aquele em que há um bairro para trabalhar, outro para morar e um terceiro para a população se divertir. Esse modelo deixou o Centro por muito tempo como um bairro comercial. "Com a modernização dos modelos de cidades, tendo várias centralidades e necessitando de um equilíbrio entre o bairro comercial e o residencial, foi então proposto o Reviver Centro, lançado pela Prefeitura. O projeto tem por objetivo gerar um equilíbrio maior entre o comercial e o residencial, fazendo com que o bairro deixe de funcionar, na prática, apenas de segunda a sexta de 8h às 18h, pas-

sando a ter vida 24 horas por dia, sete dias por semana", ressalta.

No primeiro ano do projeto, 2 mil unidades residenciais foram aprovadas, mas nem todas já foram lançadas, segundo a Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário (Ademi-RJ). "Algumas já estão em obras. É um volume maior que o dos últimos 10 anos juntos. A Lei que prevê incentivos teve êxito. Entre comprar, lançar, entregar são quatro, cinco anos. Em 2022, devem ser entregues as primeiras unidades", analisa Marcos Saceanu, presidente da Ademi-RJ e CEO da Piimo Empreendimentos Imobiliários.

Entre as vantagens da legislação do Reviver, Saceanu cita o direito a fazer um pavimento de uso comum a mais do que o já existente. Há ainda benefícios tributários para os clientes na hora de pagar impostos como o Imposto sobre Transmissão de Bens Imóveis (ITBI). Ele fala ainda da operação interligada: uma empresa pode fazer um investimento no Centro e levar benefícios semelhantes para outras áreas da cidade que considere mais vantajosa. A Piimo fez um acordo comercial com uma empresa que constrói no Centro e usou esse potencial para incrementar uma obra em Ipanema, na Zona Sul da capital.

“ O Reviver Centro é um plano para requalificar a região. Além de permitir a conversão do uso comercial para o residencial, ainda autoriza a construção de moradias em terrenos vazios”

MARCELO KAIUCA,
VICE-PRESIDENTE DA FIRJAN

POTENCIAL DE CRESCIMENTO

Em um ano de Reviver, a iniciativa privada já aumentou em cinco vezes o número de licenciamentos e aprovações de projetos habitacionais para o Centro. Mas há muitos terrenos e prédios que são públicos na região. De acordo com o Sinduscon-Rio, um levantamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) identificou um potencial de 75 ativos públicos das regiões do Centro e do Porto do Rio que podem ser convertidos em residenciais – mas dependem que os governos os disponibilizem para moradia.

Qual o perfil do futuro morador do Centro do Rio? Hermolin acredita que tem oportunidade para todo tipo de ticket de moradia. As primeiras serão as de classe e renda mais econômicas, que vão migrar de áreas distantes do Centro do Rio, evitando horas de trânsito para ir e vir do trabalho. Esse será o primeiro público.

“Entendemos que a médio e longo prazos poderemos ter projetos de média e alta

rendas na região”, prevê. O presidente da Ademi-RJ também acredita que o público inicial será oriundo da migração da Zona Norte ou da Baixada Fluminense, que deseja morar mais próximo do local de trabalho.

PORTO PARA VIVER

Já a região portuária se beneficia de outra legislação específica, que criou o Porto Maravilha, na época da adequação para os Jogos Olímpicos de 2016 e a Copa do Mundo de 2014. “Durante muitos anos essa área não teve oferta de residenciais modernos, com infraestrutura de condomínio. As facilidades de transporte, com metrô, ônibus e VLT, além da proximidade da rodoviária e do Aeroporto Santos Dumont, são atrativos”, ressalta Leonardo Mesquita, vice-presidente da Cury Construtora, que está erguendo cinco prédios residenciais no Porto e um na Avenida Presidente Vargas – artéria do Centro do Rio –, com a primeira entrega de imóveis prevista para outubro de 2023.



Ilustração do prédio residencial a ser construído pela Cury na Av. Presidente Vargas, Centro do Rio (na pág. ao lado, a fachada completa)

São 2.900 unidades habitacionais na Zona Portuária. Há desde estúdio até apartamentos de quatro quartos. O perfil é de casais jovens de classe média; e a Cury tem percebido o interesse de profissionais da Marinha, Aeronáutica e da Prefeitura. Na Avenida Presidente Vargas, são 360 unidades, de estúdio, um e dois quartos, voltados para famílias de classe média e investidores de olho na locação destinada a estudantes e profissionais da região. O residencial fica perto de uma estação do metrô e da Universidade Estácio de Sá. A previsão de entrega é dezembro de 2024.

“Apesar da mudança da legislação, ainda vai demorar um tempo para se conseguir resultado. Será cada vez mais custoso ter carro, então as pessoas vão priorizar evitar grandes deslocamentos”, estima Mesquita.

HOTÉIS-RESIDÊNCIAS

Outra mudança é a conversão de hotéis em residenciais. Pelo menos dez hotéis já estão em processo de serem transformados em moradias, gerando cerca de 1.570 unidades. A **Lei do Retrofit** incentiva essas transformações. Por ela, imóveis históricos e abandonados devem ser modernizados, mantendo a arquitetura preservada.

“Incentivados por essa lei, estamos transformando o Hotel Paysandu, no Flamengo, que estava fechado há três anos, em um condomínio com 50 apartamentos”, conta Saceanu, da Piimo. Outros exemplos na capital tocados por outras construtoras são o Hotel Gloria, o Intercontinental e até prédios menores como o Aymoré, no Centro.

Existe uma questão específica por trás desses movimentos de mercado no Rio. Devido à Copa do Mundo e à Olimpíada, a cidade quase duplicou a oferta de quartos de hotel. “Infelizmente a demanda de turistas não cresceu na mesma proporção. Isso gerou então uma grande quantidade de hotéis vazios ou quase impossíveis de se manter. A oportunidade de transformá-los em residência permite o melhor uso desses espaços, mas também que se reequilibre a oferta e demanda de hospedagem na cidade”, argumenta Hermolin.

A região central pode ser o novo vetor de crescimento da construção civil e do mercado imobiliário do Rio e de geração de emprego da cidade. Essa indústria é uma grande geradora de vagas por trabalhar com mão de obra intensiva. O presidente do Sinduscon-Rio ainda não consegue prever o tamanho da transformação e das oportunidades de emprego, mas está otimista.



NOVOS TIPOS DE USO E OCUPAÇÃO

2.000

UNIDADES RESIDENCIAIS PROVENIENTES DE PRÉDIOS COMERCIAIS NO CENTRO DO RIO

2.900

UNIDADES RESIDENCIAIS EM CONSTRUÇÃO NO PORTO MARAVILHA

1.570

MORADIAS EM VÁRIOS BAIRROS, FRUTO DA TRANSFORMAÇÃO DE HOTÉIS

Fonte: Ademi-RJ e Sinduscon-Rio

FIRJAN REÚNE PARLAMENTARES ELEITOS

“ Quando a discussão for a respeito das pautas de interesse do nosso estado, devemos entrar no tatame federativo juntos pelo interesse da população carioca e a fluminense”

EDUARDO EUGENIO GOUVÊA VIEIRA,
PRESIDENTE DA FIRJAN

A Firjan promoveu, em 10/11, o 1º Encontro da Indústria com Representantes Parlamentares 2023-2027. Estiveram presentes, na Casa Firjan, dezenas de empresários e parte da bancada eleita de deputados estaduais, federais e senador, além de André Ceciliano como governador em exercício. O governador reeleito Cláudio Castro estava licenciado e gravou um vídeo para a ocasião.

Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira, presidente da Firjan, ressaltou que as bancadas estadual e federal eleitas, de diferentes partidos e regiões do Rio, vão defender, na Alerj e no Congresso Nacional, suas bandeiras de

campanha. “Todavia, quando a discussão for a respeito das pautas de interesse do nosso estado, na pauta mínima do ‘consenso Rio’, devemos entrar no tatame federativo juntos e misturados pelo interesse da população carioca e a fluminense”, ressaltou.

O presidente da Firjan lembrou o exemplo do processo de concessão do Aeroporto Santos Dumont, que prejudicaria o Galeão. “Só foi impedido porque todos atuamos em

conjunto para barrar essa barbaridade”. Ele citou a reconhecida reputação nacional da Firjan por credibilidade, qualidade técnica e por ser uma instituição apartidária. “Nosso quadro técnico e diretoria estão a inteiro dispor de vocês nos seus trabalhos legislativos na Alerj e no Congresso”, ofereceu Eduardo Eugenio, que estava acompanhado do presidente em exercício da Firjan, Luiz Césio Caetano.



Firjan reúne empresários e parlamentares eleitos na Casa Firjan



Deputado Luiz Paulo cumprimenta Carlos Erane de Aguiar, vice-presidente da Firjan, ao lado de Eduardo Eugenio



Deputada Marta Rocha, Eduardo Eugenio, senador Carlos Portinho e Carlos Erane



Antônio Pitanga, Eduardo Eugenio, deputada Benedita da Silva, Leo Edde (vice-presidente da Firjan) e Caetano



Caetano, o deputado eleito Chico Alencar e Eduardo Eugenio



Caetano, Mauro Varejão, Luiz Carlos Renaux, deputada Célia Jordão, senador Portinho e Erane



Eduardo Eugenio com o deputado Otoni de Paula Pai e a empresária Márcia Carestiato (à dir.)



Elissandra Cândido, do Sinduscon-SF; a deputada Célia Jordão; e Carla Pinheiro, diretora da Firjan



Parte dos parlamentares fluminenses eleitos, na Casa Firjan



Eduardo Eugenio, Elissandra Cândido, Henrique Nora Jr, Antonio Vilela, Caetano e Mauro Aluim

Fotos: Paula Johns

Fotos: Paula Johns

Se a sua empresa está procurando a parceria perfeita para ações de **Responsabilidade Social**, ela acabou de encontrar.

A **Firjan SENAI Sesi** cria as estratégias certas para o que a sua empresa precisa.



Gerar valor para seu negócio.



Promover integração e transformação social.



Elevar sua empresa acima de todas as outras no mercado.



Criar ações alinhadas com o propósito da sua empresa.



Bom negócio é seguir o seu propósito.

VAMOS AGIR JUNTOS?

firjan.com.br/responsabilidadesocial

LICENÇA 4.0 EM FRIBURGO

A Firjan e a Prefeitura de Nova Friburgo firmaram parceria para implementar o Licença 4.0, projeto inédito no estado que visa a redução do tempo de tramitação dos processos de licenciamento de obras. O município é o segundo a aderir à iniciativa, que começou em Três Rios, e a expectativa é de que seja expandida para outras regiões. A parceria foi firmada durante reunião do Conselho Empresarial da Firjan Centro-Norte, em 16/11, com as presenças do prefeito Johnny Maycon, do presidente Eduardo Eugenio e da presidente da Regional, Márcia Carestiatto. Previsto no projeto Rio Construção, o Licença 4.0 envolve a identificação de melhorias que deem mais celeridade a todas as etapas envolvendo o licenciamento de obras e construções.



Foto: Paula Johns

NOVO PRESIDENTE DO SINDVEST

Tomou posse, em 16/11, a nova diretoria do Sindvest Nova Friburgo, eleita em setembro deste ano para o triênio 2022-2025. "Temos muitos desafios pela frente, mas o primeiro deles é recuperar Nova Friburgo como capital nacional da lingerie", ressaltou Gustavo Moraes, novo presidente do Sindicato. A posse contou com a presença da diretoria da Firjan e de membros do Conselho Empresarial da Firjan Centro-Norte.



Foto: Paula Johns

FÓRUM SETORIAL DA MINERAÇÃO

A Firjan lançou o Fórum Setorial da Mineração, presidido por Henrique Nora Junior, diretor da federação e presidente do Sindicer-MVP. Na vice-presidência está Mauro Varejão, presidente do Simagram. O anúncio foi feito durante o Encontro da Mineração do Rio de Janeiro, na sede da Firjan, em 09/11. "O Fórum tem papel estratégico, pois consolida posicionamentos do setor, além de proporcionar assessoria aos empresários fluminenses em questões mais técnicas e em temas que interferem no desenvolvimento do ambiente de negócios", afirma Nora, lembrando que a federação possui 13 sindicatos relacionados aos diversos segmentos da mineração.



Foto: Vinícius Magalhães



INDÚSTRIA DO ESTADO DO RIO

SALDO DE EMPREGOS NA INDÚSTRIA POR REGIÃO

ACUMULADO NO ANO ATÉ SETEMBRO / 2022

Capital	19.921
Leste	8.878
Norte	7.193
Sul	6.164
Noroeste	3.237
Caxias e região	3.135
Nova Iguaçu e região	2.904
Serrana	2.844
Centro-Sul	234
Centro-Norte	85
Estado do Rio	54.595

PRODUÇÃO INDUSTRIAL - RJ

ACUMULADO DO ANO ATÉ SETEMBRO / 2022

SETORES EM ALTA

119,6%
Equipamentos de transporte, exceto veículos automotores

29,4%
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos

14,8%
Coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis

8,5%
Produtos alimentícios

SETORES EM QUEDA

-14,2%
Metalurgia

-10,6%
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos

-6,0%
Bebidas

-4,4%
Produtos de borracha e de material plástico



BRASIL

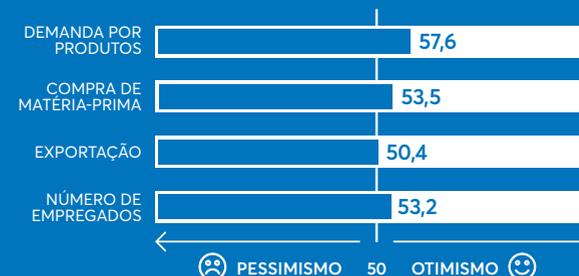
↓ -1,1%



RIO DE JANEIRO

↑ 3,9%

EXPECTATIVAS PARA OS PRÓXIMOS SEIS MESES NO ESTADO DO RIO



ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL

OUTUBRO / 2022

BRASIL
60,2



RIO DE JANEIRO
59,9



Somos a Firjan, uma das **melhores** **empresas** para se **trabalhar** no **estado** do Rio*.

A gente se orgulha de integrar esse ranking e contar com uma equipe dedicada **a transformar o ambiente de negócios do estado do Rio e levar as melhores soluções às empresas fluminenses.**



Acesse e
saiba mais.

*De acordo com o GPTW 2022, categoria de grande porte, com mais de mil funcionários.